



O impacto das *fake news* na pesquisa científica: relato de experiência

THE IMPACT OF FAKE NEWS ON SCIENTIFIC RESEARCH: AN EXPERIENCE REPORT

Mariana Giorgiani¹; Hiléia Carolina de Oliveira Valente²; Izabela Lima Perissato³; Larissa Fernanda de Deus Faria⁴; Máyra Bernardes Rocha⁵; Luiz Carlos Gebrim de Paula Costa⁶; Jean Ezequiel Limongi⁷; Stefan Vilges de Oliveira⁸

¹ Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4847-4454>
Email: mari.giorgiani@gmail.com

² Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3208-5291>
Email: hileiavalente@yahoo.com.br

³ Discente do curso de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6713-6250>
Email: be.bela.lima@hotmail.com

⁴ Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0173-4386>
Email: larissa-fdfaria@hotmail.com

⁵ Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2103-7091>
Email: mayrarochoa01@outlook.com

⁶ Doutor em Imunologia e Parasitologia Aplicada
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0390-4342>
Email: lcgebrim@yahoo.com.br

⁷ Doutor em Imunologia e Parasitologia Aplicada.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2649-9842>
Email: eanlimongi@gmail.com

⁸ Doutor em Medicina Tropical.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5493-2765>
E-mail: stefan@ufu.br

Correspondência: Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Uberlândia. Campus Umuarama, Bloco 2U, Sala 8, Av. Pará, 1720, Bairro Umuarama, Uberlândia – MG, CEP 38400-902.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Conflito de interesses: os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Como citar este artigo

Giorgiani M; Valente HC de O; Perissato IL; Faria LF de D; Rocha MB; Costa LCG de P; Limongi JE; Oliveira SV de. O impacto das fake News na pesquisa científica: relato de experiência. Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais. [online], volume 5, n. 3. Editor responsável: Luiz Roberto de Oliveira. Fortaleza, dezembro de 2020, p. 01-15. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/resdite/index>. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 10/03/2020

Data de aprovação do artigo: 19/08/2020

Data de publicação: 22/12/2020

Resumo

Introdução: Define-se *fake news* como artigos que são intencionalmente falsos, passíveis de serem verificados e que podem enganar os leitores. **Objetivo:** Descrever o impacto das *fake news* sobre uma pesquisa científica em Uberlândia, Minas Gerais. **Método:** Trata-se de um relato de experiência vivenciada entre outubro e novembro de 2019 por pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A área de coleta dos relatos das *fake news* compreende os bairros participantes do estudo. Foram analisadas as variáveis quantitativas, por meio de números brutos e medidas de frequência, e as qualitativas, mediante descrições de conteúdo das notícias falsas. **Resultados:** Pesquisadores e coordenadores

realizaram a pesquisa, coletando o material biológico e entrevistando a população. Algumas estratégias pré-comunicacionais por meio de TV aberta e de internet foram utilizadas para divulgação do estudo. Nos dias da coleta, observaram-se de maneira crescente os relatos de falsas notícias associadas à pesquisa que impactaram negativamente o andamento do estudo e geraram prejuízo de R\$ 5.043,96. Alguns moradores se recusaram a participar da pesquisa em virtude da existência de fake news. **Conclusão:** Observando a intensificação de fake news e os prejuízos no projeto, concluímos a necessidade do estudo desse tipo de notícia e seu impacto em pesquisas científicas.

Palavras-chave: Pesquisa. Saúde pública. Educação em saúde

Abstract

Introduction: Fake news is defined as articles that are intentionally false, verifiable and that can mislead readers. **Objective:** To describe the impact of fake news on scientific research in Uberlândia, Minas Gerais State. **Method:** This is an experience report lived from October to

November 2019 by researchers at the Federal University of Uberlândia (UFU). The area of collection of fake news reports comprises the neighborhoods participating in the research. Quantitative variables were analyzed by means of raw numbers and frequency measures, and qualitative variables through descriptions of fake news content. **Results:** Researchers and coordinators carried out the research, collecting biological material and interviewing the population. Some pre-communicational strategies through open TV and the internet were used to disseminate the study. On the days of collection, reports of these false news associated with the research were observed in an increasing manner, negatively impacting the progress of the study and generating a loss of R\$ 5.043,96. Some residents refused to participate in the survey justified by the existence of fake news. **Conclusion:** Observing the intensification of fake news and losses in the project, we conclude the need to study this type of news and its impact on scientific research.

Keywords: Research. Public health. Health education.

1. Introdução

Notícias falsas (em inglês, *fake news*) pode ser definido como “artigos que são intencionalmente falsos, passíveis de serem verificados e que podem enganar os leitores”, incluindo tanto materiais produzidos com esse fim quanto notícias satíricas que acabam por ser tomadas como reais e são então divulgadas¹. Nesse mesmo âmbito, há o termo “pós-verdade”, que se relaciona à circunstância na qual os fatos objetivos têm menor influência em moldar a opinião pública do que aqueles que apelam a emoções e crenças pessoais².

As *fake news*, como informações falsas e sensacionalistas disseminadas sob o disfarce de reportagens verídicas, impulsionam a pós-verdade, uma vez que comumente apelam a emoções e crenças dos sujeitos com o intuito de viralizar e difundir uma falsa informação, moldando a opinião pública². A criação de falsas histórias pode ter, como uma de suas motivações, o fato de vivermos em uma sociedade de verdades, cujos dogmas e preceitos de determinados grupos assumem, num relativismo absoluto, a lógica do “vale-tudo” pela verdade pessoal e absoluta – o que sobrepõe a crença nas instituições³.

A produção de informação há muito deixou de ser tarefa exclusiva dos meios de comunicação jornalísticos e, com as redes sociais digitais, o processo de seleção envolve outros mecanismos e outras preocupações, até pela rapidez e viralidade com que as mensagens se propagam, desagregando-se do contexto inicial de criação⁴. Nesse ambiente, a propagação de notícias falsas torna-se um problema crônico, e é comum sua disseminação em larga escala⁵.

Mais de 55% da população mundial e 85% da população brasileira diz estar preocupada em não saber diferenciar o que é real e o que é falso na internet, de acordo com o Relatório de Notícias Digitais⁶. Além disso, o mesmo documento confirma que cerca de 53% dos brasileiros utilizam o WhatsApp® para compartilhar notícias e que o Brasil é o segundo país com maior quantidade de grupos no aplicativo, por meio do qual os usuários disseminam propaganda política, notícias falsas e discurso de ódio⁶. Carvalho e Mateus (2018) afirmam que as redes sociais digitais, tais como Twitter® e Whatsapp®, contribuem muito para a rapidez com que a informação é gerada e espalhada; entretanto, na maioria das ocasiões, dificultam a checagem da natureza do que está em circulação, devido ao número elevado de usuários e com o aval de ter sido compartilhado por um amigo⁷.

Ainda, sem grandes surpresas, o relatório da Reuters (2019) descobriu que pessoas com nível mais alto de interesse em notícias tendem a ter maior preocupação com as *fake news*. Além disso, em países nos quais os níveis de alfabetização noticiosa – habilidade de leitura crítica e avaliativa dos fatos e dados – são elevados, as pessoas estão mais propensas a identificar conteúdo satírico, mentiras e exemplos de jornalismo pobre⁶.

A criação de *fake news* tem gerado impactos em diversos âmbitos sociais, como política, saúde e ciência. Essa realidade vem fazendo com que diferentes setores busquem métodos para mitigação do problema. Plataformas digitais, que são grandes veículos de disseminação dessas notícias falsas, têm utilizado programas verificadores de fatos e mostrado ao usuário quando um conteúdo é questionado por esse programa. Organizações de pesquisa e da sociedade civil têm feito manuais tanto para profissionais das mídias tradicionais quanto para cidadãos em geral, visando à qualificação do trabalho de apuração, além da divulgação de materiais que buscam estimular o senso crítico no momento de recepção dos textos noticiosos. Governos vêm apresentando diferentes reações, incluindo medidas mais duras como a legislação aprovada na Alemanha que prevê multas se os conteúdos falsos não forem removidos da internet. Mas também pontuam o risco de reações e regulações que atentem contra a liberdade de expressão, como a instituição de mecanismos de censura ou remoção de conteúdo da *web*⁸.

Dessa forma, torna-se cada vez mais nítida a preocupação da influência das *fake news* em importantes setores em nível nacional, local e mundial, podendo incluir as áreas de pesquisa científica. Nesse sentido, é importante entender de que maneira essas notícias falsas impactam o planejamento e desenvolvimento dessas pesquisas.

Partindo de tal premissa, o presente relato de experiência tem o objetivo de descrever o impacto qualiquantitativo das *fake news* sobre a pesquisa científica, buscando entender de que maneira essas notícias falsas podem interferir no processo de construção desses estudos e em seus resultados.

2. Métodos

Trata-se de um relato de uma experiência vivenciada durante uma pesquisa coordenada por docentes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) entre os meses de outubro e novembro de 2019. Uberlândia é o segundo maior município do Estado de Minas Gerais, com população estimada de 691.305. Localiza-se na região do Triângulo Mineiro a 541 Km da capital, Belo Horizonte⁹.

Os episódios aqui relatados ocorreram durante atividades de campo de uma pesquisa sobre leishmaniose visceral (LV), que é uma doença endêmica do município¹⁰. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFU (parecer n. 3.294.966) com os seguintes objetivos: i) avaliar a prevalência das sorologias reagentes por LV em humanos assintomáticos; ii) reconhecer os fatores de risco para infecção por LV dos indivíduos investigados; iii) identificar o nível de conhecimentos sobre LV em residentes de áreas endêmicas; iv) verificar se essa população sabe quais são as atitudes preventivas para LV; v) avaliar se essa população utiliza de práticas preventivas individuais e coletivas para LV; e vi) desenvolver uma cartilha com informações sobre a doença para essa população.

A área de estudo onde foram documentados os episódios de *fake news* contempla os bairros Ipanema e Mansões do Aeroporto, as primeiras regiões do município onde confirmou-se a autoctonia da transmissão da LV¹¹. Esses locais estão situados geograficamente no setor oeste do município e apresentam como características em comum áreas de expansão urbana recente. Estima-se que a população que vive ali é de 18.430 habitantes⁹.

Quatro protocolos foram desenvolvidos para apoiar a execução da pesquisa intitulada "Inquérito sorológico e de conhecimentos atitudes e práticas sobre leishmaniose visceral

em Uberlândia”. Eles orientaram sobre ações de: 1) comunicação; 2) biossegurança; 3) coleta de dados; e 4) coleta de material biológico e acondicionamento.

O protocolo de comunicação foi concebido com vistas a direcionar as estratégias relacionadas à difusão das ações do projeto. Para tanto, foram propostas atividades desenvolvidas previamente à pesquisa, que incluíram o envio periódico de informações para comunidade acadêmica, serviços de saúde e imprensa. Realizaram-se ações durante as coletas por meio de mensagens unificadas entre os pesquisadores e com a divulgação parcial de dados em mídias sociais e imprensa. Finalmente, ações de comunicação pós-coletas previam a comunicação com comunidade, imprensa e as divulgações científicas oriundas da intervenção.

O protocolo de biossegurança orientava a respeito das medidas de proteção individual e coletiva dos pesquisadores e dos sujeitos da pesquisa. Previa ações de mitigação de risco e de atuação sobre os potenciais acidentes envolvendo materiais biológicos e seus contaminantes, bem como os riscos ocupacionais a que foram expostos os pesquisadores.

O protocolo de coleta de dados em campo foi desenvolvido para otimizar os recursos humanos e financeiros da pesquisa, prevendo antecipadamente todas as ações que se referem às formas de abordagem dos sujeitos, identificação dos pesquisadores em campo e as características inerentes do território em investigação.

Finalmente, um protocolo de coleta de material biológico, acondicionamento e processamento de materiais biológicos em laboratório de análises clínicas foi elaborado para garantir a segurança dos pesquisadores e dos sujeitos da pesquisa e possibilitar a qualidade das coletas de materiais biológicos e a consistência nos resultados apresentados.

No presente relato de experiência, foram examinados quantitativamente os impactos das *fake news* sobre a referida pesquisa por meio de números brutos e por medidas de frequência. Para tanto, foi avaliado se durante a coleta de dados o entrevistado ouviu falar a respeito de *notícias falsas (fake news)* relacionadas à pesquisa (Sim ou Não) e, se ouviu, em qual das coletas elas foram mencionadas (1ª coleta de dados; 2ª coleta de dados, 3ª coleta de dados; ou em mais de uma das coletas). Adicionalmente, um teste do Qui-Quadrado foi utilizado para investigar se as *fakes news* impactaram em distintos períodos da pesquisa (1ª coleta de dados e 3ª coletas de dados). Foram verificados os impactos financeiros e mensurados os custos adicionais incluídos ao projeto oriundos do impacto das *notícias falsas*.

Os relatos qualitativos das *fake news* foram coletados dos pesquisadores em áudio e sistematizados por meio de frases curtas, utilizando como princípios a análise do conteúdo e as situações mais frequentemente observadas durante a coleta de dados¹².

O estudo realizou-se com base em um banco de dados do projeto de pesquisa “Inquérito sorológico e de conhecimentos atitudes e práticas sobre leishmaniose visceral em Uberlândia”, e não foram acessados dados nominais dos sujeitos ou qualquer outro que estabeleça a sua identificação. Nesse contexto, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por seguimento das normas éticas do país, de acordo com as resoluções n. 466, de 12 de dezembro de 2012, e n. 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

3. Resultados

Relato da experiência

Participaram do estudo 57 pesquisadores de sete cursos de graduação (medicina, biomedicina, saúde coletiva, nutrição, enfermagem, fisioterapia, medicina veterinária) e do curso técnico de análises clínicas, coordenados por três docentes da UFU. Os pesquisadores recrutados foram selecionados por: i) entrevista; ii) apresentação das carteiras de vacinação atualizadas; e iii) participação integral nas capacitações preliminares ao projeto de pesquisa. Complementarmente, com vistas a garantir a segurança deles e ter um histórico das infecções pregressas, que poderiam ser confundidas com infecções acidentais da pesquisa, amostras de sangue foram coletadas no começo das atividades e submetidas a um rastreio das principais infecções inerentes à saúde ocupacional, previstas segundo o protocolo dessa pesquisa.

O referido estudo previu antecipadamente, segundo cálculo amostral, que a intervenção deveria abordar 330 moradores dos respectivos bairros por meio de uma amostragem aleatória simples. Para atingir essa meta amostral, foram programadas três atividades de campo que foram realizadas em três sábados do mês de outubro e novembro de 2019 (manhã e tarde), totalizando oito horas diárias em cada dia de trabalho.

Os pesquisadores, divididos em duplas, receberam as seguintes atribuições: i) um deles ficou responsável pela abordagem, realizando a tarefa como entrevistador, utilizando um questionário estruturado com variáveis descritivas categorizadas para coleta de dados; e ii) o outro atuou como coletor do material biológico, responsável pela coleta de 10 mL do

sangue venoso de veia periférica da face ventral do antebraço e armazenando-o sob resfriamento.

Participaram da pesquisa os moradores dos respectivos bairros, sorteados aleatoriamente, conforme protocolo de coleta de dados desta pesquisa, maiores de idade que estavam de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Estratégias pré-comunicacionais foram desenvolvidas pelo Setor de Comunicação da UFU (Comunica UFU) (Figura 1 – A) e apoiadas pelas redes de televisões locais (Paranaíba – Record; MGTV – Globo), com divulgação na TV aberta e nos portais de notícias da internet (Figura 1 – B). Adicionalmente, durante a primeira coleta de dados, a TV Bandeirantes produziu uma reportagem divulgando a pesquisa e sua importância para comunidade, bem como reforçando a necessidade do apoio da população para o êxito das ações do projeto. Paralelamente, uma página do Facebook foi criada e nela foram postadas em tempo real todas as atividades da pesquisa, oportunizando ser esse um canal adicional de comunicação aberto à população, alternativamente aos contatos dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa que foram informados no TCLE (Figura 1 – C).

Figura 1: A – Estratégia de comunicação preliminar à pesquisa apoiada pela Universidade Federal de Uberlândia e redes de televisão locais. B – Divulgação das ações do projeto pela imprensa local. C – Página do Facebook do projeto leishmaniose criada para divulgação das etapas da pesquisa e como canal de comunicação com a comunidade.



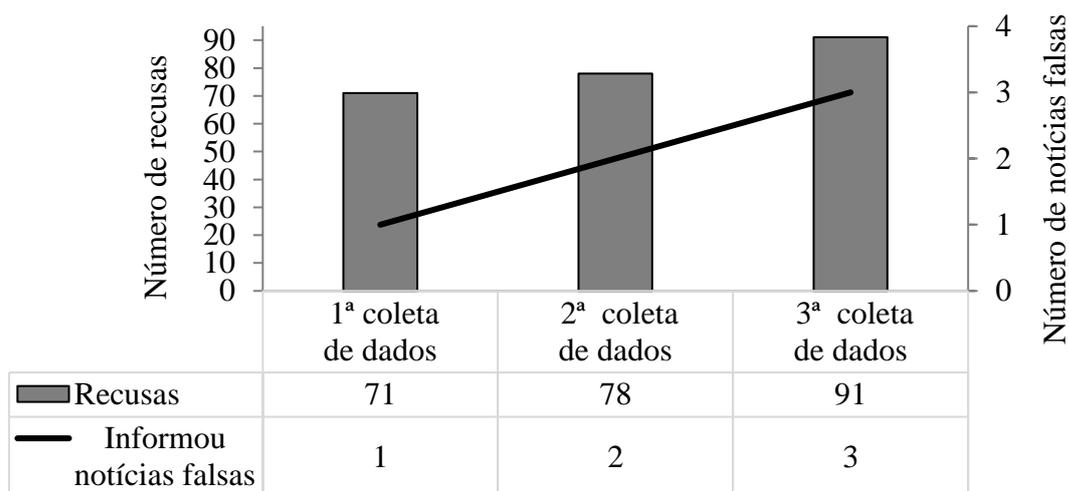
Fonte: A – Comunica UFU (<http://www.comunica.ufu.br/noticia/2019/09/equipe-da-ufu-vai-investigar-leishmaniose-em-uberlandia>) B – Band Triângulo (https://youtu.be/mmoPXWxJ_B4) C – Facebook (<https://m.facebook.com/pages/category/Education-Website/Leishmaniose-em-Uberl%C3%A2ndia-Estudo-UFU-110906623634597/>).

No terceiro dia de atividades de coleta, foi relatada por pesquisadores a recusa de moradores do Bairro Ipanema em participar da pesquisa em decorrência de *fake news* que se propagavam por grupo de WhatsApp® de moradores daquela região.

Uma avaliação retrospectiva com os pesquisadores (entrevistadores e coletores) identificou que os relatos de *fake news* associadas à pesquisa haviam sido observados no primeiro, segundo e terceiro dia de coleta.

Tal observação foi mensurada quantitativamente em cada dia de coleta em conjunto com as recusas de participação da população no projeto (com ou sem relato de *fake news*), percebendo-se a intensificação significativa de recusas ($P= 0.001$) entre a primeira e terceira coleta de dados (Figura 2).

Figura 2: Número de recusas e número de notícias falsas reportadas por pesquisadores durante as atividades de coleta de dados da pesquisa Inquérito sorológico e de conhecimentos atitudes e práticas sobre leishmaniose visceral em Uberlândia, realizado nos bairros Ipanema e Mansões do Aeroporto entre os meses de outubro a novembro de 2019.



Fonte: Os autores.

No Quadro 1, estão fragmentos dos relatos qualitativos das *fake news* que foram registrados por pesquisadores e sistematizados segundo análise de conteúdo durante a coleta de dados como justificativa de recusas.

Quadro 1: Relatos qualitativos das *fake news* coletados por pesquisadores e sistematizados por meio de frases curtas, utilizando como princípio as situações mais frequentemente observadas durante a coleta de dados da pesquisa “Inquérito sorológico e de conhecimentos atitudes e práticas sobre leishmaniose visceral em Uberlândia”, realizada nos bairros Ipanema e Mansões do Aeroporto entre outubro e novembro de 2019.

“Estão utilizando materiais não esterilizados...”	“Os pesquisadores podem dopar os participantes...”
“Se chegar na sua casa falando da pesquisa, chame a polícia...”	“Eles dizem que vão medir glicemia e passam HIV...”
“A pastora da igreja disse que não era para participar da pesquisa...”	“Estão circulando notícias em grupos de WhatsApp® dos moradores do bairro dizendo para não participar...”
“Os falsos pesquisadores estão passando HIV...”	“As pesquisas não são confiáveis...”

Fonte: Os autores.

O impacto das *fake news* associado ao significativo número de recusas de moradores a participar do projeto resultou na necessidade de programar uma atividade de campo adicional à pesquisa para atingir a meta de 330 domicílios investigados, conforme a amostragem proposta. Tal situação gerou prejuízos financeiros ao projeto na ordem de R\$ 5.043,96. Na Tabela 1, são reportados os gastos adicionais conferidos ao impacto das notícias falsas.

Tabela 1: Impacto financeiro das *fake news* à pesquisa “Inquérito sorológico e de conhecimentos atitudes e práticas sobre leishmaniose visceral em Uberlândia”, realizada nos bairros Ipanema e Mansões do Aeroporto entre outubro e novembro de 2019.

Item	Quantitativo	Custo unitário R\$	Custo total R\$
Transporte	1	139,50	139,50
Coletores / entrevistadores *	22	84,69	1.863,18
Docentes / coordenadores **	3	1.013,76	3.041,28
Total			5.043,96

* Valor de referência – plantão de quatro horas do técnico de enfermagem – R\$ 84,69

** Valor de referência GECC – Coordenação técnica e pedagógica / hora trabalhada – R\$253,44

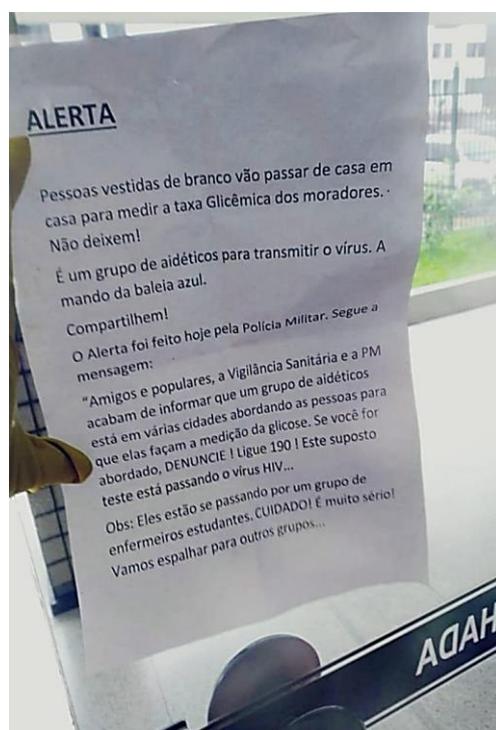
Fonte: Os autores.

Ao investigar o conteúdo das *fake news*, identificou-se uma mensagem pronta de “Alerta” (Figura 3) que circulou nos grupos de WhatsApp® dos moradores dos bairros, cujo teor era sobre propagação de HIV por supostos falsos enfermeiros estudantes.

Com a disseminação dessa notícia falsa, foi possível descobrir a mesma mensagem circulando em distintos bairros de Uberlândia a partir de sua propagação inicial registrada nos locais da presente pesquisa.

A Universidade foi informada pela coordenação do grupo de pesquisa sobre as *fake news* associadas ao projeto de pesquisa, e o grupo optou em não registrar ocorrência policial referente ao episódio por dificuldade de identificar a fonte propagadora delas.

Figura 3: Mensagem falsa propagada em grupos de WhatsApp® relacionada à pesquisa “Inquérito sorológico e de conhecimentos atitudes e práticas sobre leishmaniose visceral em Uberlândia”, realizada nos bairros Ipanema e Mansões do Aeroporto entre outubro e novembro de 2019.



Fonte: Os autores. Coletado do grupo de WhatsApp® de moradores dos bairros investigados.

Discussão

A pesquisa relatada neste estudo almejava realizar um total de 330 abordagens de moradores de dois bairros da cidade de Uberlândia (MG) durante um período de três dias de trabalho de campo. Devido à propagação de *fake news* que colocavam em dúvida sua veracidade e confiabilidade, houve menor número de voluntários do que o esperado; consequentemente, surgiu a necessidade de organização de um novo dia de trabalho para que ocorresse o cumprimento da meta estabelecida. Por causa do imprevisto, foi gerado um prejuízo financeiro de R\$ 5.043,96.

No processo de evolução, a sociedade ora se constrói, ora se desconstrói, passando por momentos de avanços e retrocessos¹³. Nesse contexto, a disseminação de *fake news*, que na contemporaneidade ganhou maior visibilidade e velocidade de propagação, se encaixa em um dos momentos de retrocesso, uma vez que essa ação pode causar inúmeros desdobramentos maléficos aos sujeitos envolvidos. No caso da pesquisa mencionada neste trabalho, houve um prejuízo financeiro relevante, além da credibilidade dela ter sido colocada em questão. A ocorrência das *fake news* poderia ter afetado sua conclusão e seus objetivos, dentre eles o conhecimento da epidemiologia da doença na região. Ademais, o esclarecimento da população acerca das atitudes e práticas relacionadas à doença estudada poderia ter sido comprometido, o que acarretaria um prejuízo à comunidade dos bairros estudados e à saúde pública em geral.

Ao se analisar a literatura científica acerca do tema, identificou-se estudo recente, buscando avaliar os impactos das *fake news* em alguns cenários e constatando que a disseminação desse tipo de notícia no Brasil foi responsável pela reintrodução do vírus causador do sarampo no país, o qual havia sido eliminado em 2016. Conforme publicado pela Revista Fapesp, em 2018, em cinco meses houve 822 doentes e 5 mortes decorrentes da doença que, antes erradicada, voltou a acometer indivíduos por falta de vacinação, atitude impulsionada por informações falsas antivacinas¹³. Assim, percebe-se que o impacto das notícias mal intencionadas pode afetar desde um grupo de pessoas até um país inteiro.

Na esfera política, inúmeras notícias inverídicas já foram criadas e colocadas em circulação com a finalidade de espalhar falsas percepções para influenciar e manipular processos eleitorais. Há trabalhos científicos que relacionam diretamente a vitória de Donald Trump, eleito presidente dos Estados Unidos em 2016, à vinculação de *fake news*. Sustenta essa informação o fato de pesquisas terem contabilizado um total de 115 histórias falsas favoráveis à campanha de Donald Trump que foram compartilhadas mais de 30 milhões de vezes, comparadas a 41 notícias falsas referentes à sua adversária, Hillary Clinton, compartilhadas 7,6 milhões de vezes¹. Desse modo, nota-se que a internet, com seu potencial de divulgar conteúdo com baixo custo e alto potencial de alcance, é capaz de enviar os debates políticos contemporâneos.

No âmbito mundial, ao se analisarem os métodos de combate às *fake news*, é possível observar que alguns países estão formulando estratégias rígidas para essa finalidade. Na Alemanha, foi aprovada uma lei que pune, por meio de multas de até € 50 milhões, a veiculação de notícias falsas e conteúdos ilegais. A cobrança deve recair principalmente sobre redes sociais digitais que não excluam em até 24 horas as publicações postadas em

suas plataformas. Foi uma decisão polêmica que gerou debate acerca da temática da liberdade de expressão e da possível instituição de mecanismos de censura⁸.

No Brasil, por sua vez, visto que o Código Penal Brasileiro, quando criado em 1940, não estabelecia pena para a prática de *fake news*, a imposição de mecanismos legais na atualidade visando punir quem as dissemina vai de encontro ao princípio da legalidade, presente no art. 5 da Constituição Federal: “Não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação legal”¹⁴. Assim, pelo menos na esfera jurídica, torna-se desafio a implementação de medidas para o combate das *notícias falsas*.

O relatório *Wellcome Global Monitor* evidenciou que em alguns continentes, entre os quais a América do Sul, uma a cada três pessoas não acreditam que a ciência as beneficia, por isso afirmam se desligar desse meio¹⁵. Englobado nesse cenário, encontra-se o município de Uberlândia (MG), onde foi conduzida a pesquisa descrita no presente relato de experiência.

Concomitantemente, foi possível observar que a desconfiança da população sobre a veracidade de um projeto pode estar correlacionada à não popularização da ciência, visto que a comunidade no Brasil não está habituada a participar diretamente de pesquisas¹⁶. Outrossim, essa incerteza foi observada no projeto por meio das ligações recebidas pelo Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia (DESCO-UFU), em que os cidadãos pediam não apenas mais informações, como também a confirmação da autenticidade do estudo. Sendo assim, percebe-se que a comunidade se mostra cada vez mais receosa em relação à ciência e seus usos.

Todavia, em países desenvolvidos, como Dinamarca e Islândia, o cenário e a percepção acerca dos benefícios da ciência são três vezes maiores que nos demais, pois trazem em seu perfil a ciência e tecnologia como prioridade. Como consequência, há investimento na área e entendimento individual da população quanto aos benefícios, o que a leva a contribuir para a disseminação desses valores¹⁵.

Portanto, os resultados obtidos durante o trabalho dos pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia apontam que a propagação de notícias falsas pode comprometer pesquisas científicas, prejudicar o desenvolvimento do conhecimento e obstruir a sociedade.

Ao fazermos a revisão literária acerca do tema, localizamos um estudo similar realizado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)¹⁷ e intitulado “Cidades saudáveis e sustentáveis: um ensaio clínico para o controle de *Aedes aegypti* no Brasil”, o qual foi afetado com a propagação de *fake news*. Conforme descreve o coordenador da pesquisa, o

objetivo contemplava entender o número de casos e o perfil dos indivíduos que já tiveram dengue na cidade de Fortaleza¹⁷. Para esse fim, os pesquisadores aplicaram um questionário e um rápido exame com os voluntários, que tinham de 2 a 12 anos de idade, com a autorização dos pais. Porém, após a repercussão da falsa informação, segundo a qual as crianças estavam sendo contaminadas por meio de algum tipo de líquido supostamente injetado por intermédio de uma seringa e os responsáveis eram pessoas que se passam por pesquisadores, o projeto foi prejudicado em vários pontos, e a equipe apelava para que a sociedade combatesse a notícia falsa com notícias verdadeiras de apoio àquela proposta científica¹⁷.

4. Conclusão

Ante o relato exposto, entende-se o impacto significativo associado à pesquisa devido à propagação de notícias falsas. Vale ressaltar o atraso com as coletas em campo, os custos financeiros adicionais, a mudança no planejamento da pesquisa e o recrutamento extra de pesquisadores voluntários. A avaliação quantitativa do impacto das fake news sobre a referida pesquisa comprova, por meio dos números e relatos, a dificuldade em concluir o estudo, além dos desafios encontrados para recuperar a confiança e contribuição da população local.

Sendo assim, nota-se a relevância de debater o assunto, especialmente pelo fato de as *fake news* acarretarem a vulnerabilidade e a ruptura na pesquisa científica. Dessa forma, é necessário que sejam desenvolvidas estratégias a fim de mitigar esse tipo de impacto. Portanto, com o auxílio de políticas públicas e o apoio das universidades, sociedade civil e instituições, é preciso que se invista em construção de tutoriais, manuais e até cursos voltados a orientar a população a checar a veracidade das informações recebidas. A isso se soma a importância do incremento de recursos que permitem essa confirmação, como é o caso do número de WhatsApp® disponibilizado gratuitamente pelo Ministério da Saúde para confirmar se as notícias relacionadas à saúde são verdadeiras ou falsas.

Com essas práticas, é possível garantir a segurança e preservação das pesquisas com a participação integral da população, a qual estará segura da procedência dos estudos, contribuindo assim para o crescimento da ciência no Brasil.

5. Referências

1. Allcott H, Gentzkow M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*. 2017; 31(2):211-236.
2. Guimarães GDP, Silva MC. Fake news à luz da responsabilidade civil digital: o surgimento de um novo dano social. *Revista Jurídica da FA7*. 2019; 16(2):99-114.
3. Sacramento I. A saúde numa sociedade de verdades. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*. 2018; 12(1):4-8.
4. Silva AF. Por que é que as fake news se transformaram em protagonistas do jornalismo contemporâneo? *Comunicação Pública*. 2019; 14(26):
5. Vieira LM, Silva NR, Cordeiro DF. Análise descritiva das fake news da saúde através de mineração de textos no Portal da Saúde. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia – GO*. 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0230-1.pdf>
6. Reuters Institute. Digital News Report. [citado em 2020 Mar 03]. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2019-06/DNR_2019_FINAL_0.pdf
7. Carvalho MFC, Mateus CA. Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de ciência da informação. *Múltiplos olhares em Ciência da Informação*. 2018; 8(2):1-13.
8. Delmazo C, Valente JCL. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*. 2018; 18(32):155-169.
9. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Cidades. Uberlândia. [citado em 2020 Mar 03]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>
10. Silva AG Filho, Carmo DM, Marques AS, Afonso MPD, Oliveira SV. Situação epidemiológica das leishmanioses em Uberlândia, Minas Gerais. *Revista de Saúde Coletiva da UEFS*. 2019; 9:66-172.
11. Paula MBCD, Rodrigues EDAS, Souza AAD, Reis AAD, Paula FPD, Pajuaba ADA Neto et al. Primeiro encontro de *Lutzomyia longipalpis* (Lutz & Neiva, 1912) na área urbana de Uberlândia, MG, concomitante com o relato de primeiro caso autóctone de leishmaniose visceral humana. *Rev Soc Bras Med Trop*. 2008; 41:304-305.
12. Gonçalves ATP. Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: Estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. *Administração: Ensino e Pesquisa*. 2016; 17(2):275.
13. Sanches SHDFN, Cavalcanti, AELW. Direito à Saúde na Sociedade da Informação: a questão das Fake news e seus impactos na vacinação. *Revista Jurídica*. 2020; 53(4):448-466.
14. Jora MA, Fischborn AI. A possibilidade de aplicação da legislação penal brasileira para combater as condutas ilícitas envolvendo fake news e criptomoedas. *Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*, 2019.

15. Wellcome Global Monitor 2018. [citado em 2020 Mar 06]. Disponível em: <https://wellcome.ac.uk/reports/wellcome-global-monitor/2018/chapter-4-science-and-society>
16. Germano MG. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. Caderno Brasileiro de Ensino de Física. 2018; 24(1):7-25.
17. UECE – Universidade Estadual do. Fake News. UECE tem pesquisa prejudicada por falsa informação e pede apoio da comunidade. 2020. [citado em 2020 Mar 07]. Disponível em: <http://www.uece.br/noticias/fake-news-uece-tem-pesquisa-prejudicada-por-falsa-informacao-e-pede-apoio-da-comunidade/>